

O ESTADO

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO FEDERALISTA

ANNO II

ASSIGNATURA

Capital: — Trimestre 37000
Pelo correio: — Semestre 72000

Pagamento adiantado

ESTADO DE SANTA CATHARINA

DESTERRO 7 DE DEZEMBRO DE 1893

REDAÇÃO E TYPOGRAPHIA

RUA TRAJANO N. 5

(Sobrado)

Numero avulso 40 réis

NUM. 295

GOVERNO PROVISÓRIO

REPUBLICA DOS EE. UU. DO BRAZIL

NO

ESTADO DE SANTA CATHARINA

DECRETO

O capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, constituido para a defeza da Constituição da mesma Republica, resolve decretar o seguinte:

Art. 1.º Fica desde já mobilizada a Guarda Nacional da comarca da Laguna para a defeza da Constituição da mesma Republica.

Art. 2.º Esta mobilização regular-se-á pelas instruções que acompanharam os Decretos ns. 2 e 3 de 44 e 45 de Outubro ultimo.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrario.

O primeiro tenente João Carlos Mourão dos Santos, Ministro e Secretario do Estado dos Negocios da Justiça e Interior, assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, na cidade do Desterro, 5 de Dezembro de 1893. — Frederico Guilherme Lorena. — João Carlos Mourão dos Santos.

DECRETO

O capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, constituido para a defeza da Constituição da mesma Republica, resolve nomear o cidadão Luiz Antonio Pinto de Magalhães coronel commandante superior da Guarda Nacional da comarca da Laguna.

O primeiro tenente João Carlos Mourão dos Santos, Ministro e Secretario do Estado dos Negocios da Justiça e Interior, assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, na cidade do Desterro, 5 de Dezembro de 1893. — Frederico Guilherme Lorena. — João Carlos Mourão dos Santos.

MINISTERIO DA GUERRA

Dia 5

AVISOS

Commissionando o cidadão Annibal Nunes Pires no posto de alferes do Batalhão «Fernando Machado» e em igual posto do 25 batalhão de infantaria os inferiores do mesmo batalhão Pedro Becker, Orlando Ferreira Soares, Augusto Dias Coelho, Manoel Fernandes da Silva, Augusto Pereira Ribeiro e Frederico Augusto de Mesquita e Silva.

REQUERIMENTOS DESPACHADOS

Dia 5

Leonor Maria dos Anjos—Pedindo para que seu filho Ernesto Rodrigues Vieira seja excluido do batalhão «Ferna» do Machado» onde serve como praça, visto já ter dous filhos ao serviço da patria. — (2º despacho) — Sendo o batalhão «Fernando Machado» composto de voluntarios não ha que deferir.

Frederico Xavier Neves, alferes reformado do Exercito. — Solicitando ordens afim de lhe ser paga pela alfandega desta capital a quantia de 57\$800 rs. proveniente da divida de ferragens para besta de bagagem e ajuda de custo a que teve direito quando no serviço activo. — Aguarde oportunidade.

Victorino dos Santos Neves. — Pedindo a transferencia de seu filho Moysés Alexan-

dre Neves, praça do batalhão «Fernando Machado» da cidade da Laguna para esta capital (2º despacho). — Indeferido.

MINISTERIO DA FAZENDA

Dia 5

Ao Inspector da Alfandega — Determinando seja expedido telegraphicamente o ordem a Mesa de Rendas de S. Francisco no sentido de ser indenmisado o tenente do corpo de exercito Joaquim Salazar sob o commando do general Gomercindo Sarai-va da quantia de 64\$000 rs. despendida com a alimentação das praças do mesmo corpo.

Requerimentos despachados

Nuno da Gama d'Ega — Pede que lhe seja pago pela alfandega desta capital a quantia de 40\$000 rs. mensaes, que lhe foi consignada pelo capitão do 32 batalhão de infantaria Joaquim Almeida Gama Lobo d'Ega. — Ao commandante da guarnição para informar.

MINISTERIO DA JUSTIÇA E INTERIOR

Dia 5

Directoria Geral

Ao Coronel Commandante em chefe interino da Guarda Nacional — Comunicando que foi nomeado commandante superior da Guarda Nacional da Laguna o cidadão Luiz Antonio Pinto de Magalhães.

LUTAR

Lutar, lutar sempre, contra o inimigo commun que é Floriano Peixoto, tal é a nossa divisa neste momento difficil da patria brasileira.

Fazer desaparecer de uma vez para sempre da suprema magistratura do paiz, que tem coberto dos maiores opprobrios pela pratica de todas as açoes vis, esse homem exercendo que subiu ao poder pela porta larga de 23 de Novembro para collocar-se como sentinella avançada da constituição e dos dinheiros publicos, o que tem sido uma manitra, deve ser a nossa unica preocupação, não poupando esforços, por mais incessantes que sejam, para a consecução de semelhante desideratum, que é a felicidade da patria e a tranquillidade de seus filhos.

E' preciso que quanto antes caia desse poder que o arrasta á loucura e da loucura ao crime, esse perverso brasileiro, com os sentimentos barbaros dos Decios e Duoclecianos, da antiga Roma, para o bem-estar da nação, que ha tempos sente sobre si a mão do furro do seu governo que a comprime, que a asphixia, impedindo o desenvolvimento natural de suas forças productivas e para o socego da familia que vive angustiada, n'uma duvida perenne, sempre sob a ameaça brutal da prepotencia ignominiosa do tyranno do Itamaraty, que não a respeita nem lhe concede direitos e foras de nobreza.

Os r. Floriano Peixoto ha de cahir, affiançamos nós, porque assim o querem as classes armadas da nação, assim o quer o povo, já cansado de tanto aviltamento, que arma-se, formando exercitos poderosos, que vão levando a victoria por toda a parte por onde passam, alcançando bem alto, encimado por virentes louros, o estandarte da patria livre.

Havemos de sahir victoriosos nessa luta da liberdade contra a escravidão, do direito contra a usurpação criminosa dos fulcinosos comparsas da mais negra tragedia representada sob o solo virgem da nacionalidade brasileira.

E o dia da victoria não está muito distante, em que os clarins entoarão por entre as escumilhas de ouro da aurora refulgente, as hosannas do povo brasileiro, em festas, livre do jugo do despota, do assassino de seus filhos, do ladrão de suas liberdades e direitos.

Lutemos todos, armas na mão, contra o inimigo de nossa patria, contra o perverso bandido que vive do sangue que faz derramar para a satisfação de seus instinctos de hyena,

TELEGRAMMA

Do nosso collega da Patria da Laguna recebemos o seguinte telegramma:

«Laguna, 6.—Estado.—Noticia chegada almirante Mello, que fizemos immediatamente circular em boletins, encheu jubilo coração povo. Montem á noite grande festa patriótica. Do hotel Monte Claro dr. Angelo Dourado em entusiastico discurso, disse que nas agonias do povo a luta é a onda que agita os mares onde a não mais possante sobra. A esquadra brasileira foi e será sempre a honra, a gloria, a defensora do povo. Custodio de Mello—flagello dos tyrannos, vem dizer-nos que a aurora da redempção se aproxima. Já sentimos os seus rutillos claros. Os bravos soldados que abraçaram a causa santa dizem-nos que ainda poderemos ter um exercito digno da patria e então poderemos bradar os vivas á nação brasileira.

Palmas, bravos, vivas estrepitosos cobriram as ultimas palavras do orador. Fallaram outros. Tenente Monteiro Barros respondendo saudações, produziu inspirado patriótico discurso «A bandeira branca da esquadra, disse Monteiro Barros, é a divisa de Gumesindo Saraiva, o piloto da campanha — porque o pampa é como o mar — confraternissem-se homogeneos! Planelli fallou recordando os feitos da esquadra desde os tempos colonias. O general Lauritino saudou em nome dos filhos do sul aos bravos companheiros filhos de todos os pontos do Brazil.

Pelas ruas os vivas entusiasticos confundiam-se. Hoje prepara-se outras festas. — Patria.»

KERMESSE

Convida-se todos os membros da respectiva commissão para comparecerem hoje ás 5 horas da tarde e sem nenhuma falta, na casa de residencia do capitão dr. Romualdo de Barros afim de tratarem de assumptos que necessitam de urgente solução.

Alfandega do Desterro

REQUERIMENTOS DESPACHADOS

Dia 6 de Dezembro

D. Maria Christina Liberato. — Ao sr. Administrador da Mesa de Rendas Geraes de Itajay para proceder nos termos do art. 6.º do Decreto n.º 405 de 22 de Fevereiro de 1868.

Abrimos espaço em nossas columnas para a inserção dos dous artigos seguintes com que nos honram os distinctos e illustrados cavalheiros — Amfriso Fialho e Carlos de Lacerda, que se acham entre nós.

São nomes sobejamente conhecidos e devidamente apreciados na imprensa do nosso paiz.

Abraçando a tão respeitaveis companheiros, não devemos eximir-nos do dever, de agradecer-lhes a honra que nos dispensaram e manifestar-mos o prazer que experimentaremos, toda a vez que se utilizem das columnas do nosso modesto jornal.

O ENCOURAÇADO «AQUIDABAN»

(EPISODIO DA REVOLTA DA ESQUADRA BRASILEIRA EM 1893)

Estavamos ainda no porto do Rio de Janeiro, e já na ultima quinzena da revolta da esquadra que alli mesmo teve lugar na noite de 5 de Setembro. O governo continuava senhor absoluto das fortalezas que defendem a entrada da bahia.

O contra-almirante Custodio José de Mello, chefe da revolta, tinha o seu pavilhão icoado no encouraçado Aquidaban, que era o seu navio mais poderoso. Commandava-o o capitão de fragata Alexandrino de Alencar. Eram dous bravos da guerra do Paraguay.

Havia já algumas semanas que o almirante estava convencido de que o vice-presidente da Republica, marechal Floriano Peixoto, não resignaria o governo que havia transformado em dictadura, senão depois de ser vencido pelas armas, não obstante a revolução abranger já o Estado do Rio Grande do Sul (aonde uma experiencia de 40 mezes patentea a impotencia da dictadura) e o Estado de Santa Catharina, em cuja capital havia ella fundado um governo provisorio em opposição ao do Rio de Janeiro.

Por isso resolvera o almirante Mello dar maior impulso ás operações da esquadra, ou levando a seu concurso directo a divisão naval que já estava operando nos mares do sul, ou tentando sublevar os Estados aonde mais probabilidades havia de provocar um pronunciamento em favor da revolução.

Apresentava-se então uma questão preliminar: Sahiriam todos os navios da esquadra irrevoltada fundeados na bahia do Rio de Janeiro, ou somente alguns d'elles?

O abandono d'esta bahia, aonde a esquadra com a sua mão de ferro segurava a dictadura pela garganta, era a vida que voltava ao governo do marechal Peixoto, embora a morte podesse vir-lhe mais tarde por outros lados. Nestas circumstancias resolveu o almirante Mello concorsar com o seu collega almirante Saldanha da Gama, um dos chefes de maior prestigio na armada nacional e que desde o começo da revolta mantinha-se em uma posição neutral «porque — dizia elle — parecia-lhe da mais alta conveniencia para a disciplina da — futuro da marinha nacional evitar aos alumnos da Escola Naval (de que era elle o director) o contacto com os revolucionarios de sua classe.»

Mas apesar d'estas prudentes considerações, o almirante Saldanha sentia cada vez mais bater-lhe com mais força o coração de marinheiro e de patriota. Foram estes nobres sentimentos que, sem duvida, facilitaram entre elle e o almirante Mello um accordo de vistas e de conducta que devia exercer sobre a revolução a mais benéfica e poderosa influencia.

Em virtude d'esto accordo, quando o almirante Mello tivesse do deixar o porto do Rio de Janeiro, tomaria o joven almirante o commando dos navios revoltados que ficassem no porto e das fortalezas e Villegagnon e da Ilha das Cobras, que elle collocaria em estado de guerra.

Mais tarde, em outra conferencia, convencionaram que o almirante Mello sahiria com o encouraçado Aquidaban e o Esperança, pequeno navio mercante armado em guerra, e que a sahida teria lugar na noite de 30 de Novembro.

Os ultimos preparativos, que só podiam ser feitos na noite da sahida, afim de não despertar a attenção do governo sobre a operação que se projectava, prolongaram

se muito além da hora marcada pelo almirante Mello, cuja impaciência se traduzia pelas ordens que dava e as perguntas que fazia. A impaciência tornou-se geral desde que vimos os holophotes (do governo) do morro da Gloria e da fortaleza de S. João projectarem em cheio os seus raios luminosos sobre a espessa columna de vapor que escapava pelo cano do *Aquidaban*.

Uma vez tudo prompto, perguntou o almirante: «Que horas são?»—«Faltam 20 minutos para meia noite», respondeu-lhe o immediato do navio, capitão-tenente Pinto de Sá. O almirante pareceu reflectir um instante; e lembrando-se provavelmente das reflexões que mais de uma vez ouvira á bordo com relação aos preconceitos acerca do numero 13 e do dia de sexta-feira, disse em tom de consulta aos officiaes que o rodeavam:—«Parece-me-se já tarde, pois vae começar a sexta-feira... Para quem tem certas crencas religiosas...»—«No meu relógio—interrompeu-o o 1º tenente Delphino Lorena, aproximando-se—no meu relógio ainda faltam dous minutos para as 14 horas e meia. Se o almirante quizer ver...»—accescentou elle mostrando o relógio.—«Pois então partamos!»—disse o almirante em tom resolute, e encaminhou-se para a torre do commando.

Momento solemne, sublime, esse em que ia executar-se uma operação de guerra que podia ser fatal á revolução!

Emquanto os officiaes e os marinheiros designados para o serviço de combate occupavam os seus postos, os não combatentes e os paisanos refugiados politicos desciam as escadas que conduzem á praça das torres encouraçadas.

Levanta-se o ferro e o *Aquidaban* começa a navegar á retaguarda do *Esperança*, o qual, por uma ordem mal transmittida, se apressara em romper a marcha. O *Aquidaban* procura emparelhar-se com aquelle cruzador, de conformidade com o que havia sido convenção; mas em vão o tenta. Além de que o *Esperança* tem melhor marcha, o seu commandante 1º tenente Alvaro Ribeiro Graça, orgulhoso, sem duvida, do papel de commandante da vanguarda que estava desempenhando, parecia caprichar em manter-se n'aquella posição.

Do porto de que partiram os navios até as fortalezas cuja passagem deviam forçar regulava uma distancia de 20 minutos. Os navios deviam passar entreo pequeno forte da Lage (que está quasi no meio da barra) e as fortalezas de S. João que lhe fica á direita e a de Santa Cruz com a sua numerosa e possante artilharia, á esquerda, formando ambas os cantos da bocca da bahia.

A distancia que separava os dous navios era de cerca de 200 metros. De repente, ouviu-se o primeiro estampido de um tiro de canhão. Vinha da Lage na direcção do *Esperança*, que o holophote da Gloria acabava de descobrir.

Santa Cruz e S. João seguiram-lhe o exemplo atirando sobre o garboso cruzador.

Obedecendo ao plano convenção, em virtude do qual elle devia approximar-se o mais possivel da fortaleza de Santa Cruz afim de passar pelo angulo morto de seus fogos, a valente officialidade do *Esperança* pôde distinctamente ouvir esta phrase grosseira atirada das baterias de cima e que bem exprimia a raiva impotente dos defensores da fortaleza: «Havemos de metter esta lancha a pique, f... p...! canchallas!» Esta phrase foi repetida diversas vezes.

O *Aquidaban* recebeu o primeiro tiro tambem da Lage, juntamente quando elle passava-lhe ao lado. Allumiado pelas holophotes de terra (que os marinheiros denominaram os olhos do Floriano), o colosso de ferro respondeu áquelle primeiro tiro enviando-lhe uma bala de 450 da torre de ré. D'alhi em diante continuou elle a vomitar a morte e o terror por todas as suas boccas de fogo e metralhadoras até transpor a barreira de fogo.

Os fogos do encouraçado cahindo inesperadamente sobre as fortalezas que tentavam mettel-o a pique desconcertaram completamente os seus artilheiros, que estavam acostumados a ver os nossos navios forçar silenciosamente a sahida da barra protegidos unicamente pela escuridão da noite. Houve do lado d'elles um silencio bastante longo; e quando começaram a atirar de novo, notava-se que os tiros eram muito mais espaçados.

A tactica do *Aquidaban* de atirar contra

as fortalezas com peças e metralhadoras, por um lado, e, por outro lado, tendo elle chegado á zona de tiro em que todos os fogos inimigos podiam sobre elle convergir, foram um grande alivio para o *Esperança* que já devia ter soffrido muito pelas balas inimigas e talvez mesmo de um pequeno incendio que parecia ter-se ateado á borda, a julgar por um clarão que se via desde o convoz do *Aquidaban*.

O colosso continuava a marchar impetuosamente para a frente com a tranquillidade de quem não tem consciencia ou não teme absolutamente o perigo, desprezando soberanamente, como um bando de mosquitos, o chuveiro de balas de fusil por meio das quaes os soldados da dictadura tentavam, não impedir-lhe a marcha, mas com certeza animados da esperança de atingir o almirante que elles sabiam estar na torre do commando.

Emquanto ambos os navios affrontavam galhardamente os perigos reaes e os imaginarios ou occultos com que desde muitos dias nos amedrontavam (torpedos, bombas de dynamite, etc.) os refugiados politicos e a gente não combatente aguardava com uma ansiedade facil de imaginar-se o resultado final da terrivel tentativa de sahida do circulo de fogo em que se achavam. Ainda assim, nada impedia que n'aquelle mesmo lugar e occasião se ouvissem os mais espirituosos ditos da parte d'aquelles que bem comprehendiam as probabilidades de um desenlace feliz e a conveniencia de procurarem por esse meio levantar o moral dos que o sentissem abatido.

Um de nós, o engenheiro Joaquim Paula, com o relógio na mão, annunciava de quando em quando o tempo que ia decorrendo desde o momento em que o *Aquidaban* se posera em marcha. Não preciso de muitas palavras para convencer ao leitor de que o tempo que decorria era d'esses em que os minutos parecem dias, em que uma operação dolorosa parece não ter fim.

Do lugar em que nos conservavamos viamos a meza das enxarcas e as pontas do mastro grande allumiadas pelos holophotes.

Quando, por alguns instantes, deixavamos de ver o reflexo da luz electrica, enchia-se-nos a alma de alegria porque começavamos a acreditar que já havia cessado o perigo.

Mas não tardava muito que o terrivel «olhar do Floriano» seguindo-nos implacavelmente, e os estampidos que logo ouviamos dos nossos proprios tiros e das pancadas secas das balas inimigas que batiam no costado do navio, viessem dissipar a nossa agradável illusão.

N'essa occasião soffremos o nosso primeiro susto. Apareceu-nos o 2º machinista de bordo correndo a chamar, com a voz assustada, pelo 1º machinista—«Onde está o Moura?»—«Onde está o Moura?» perguntava o homem.—«O que é; o que é?» perguntava mos nós.—«E' a machina que está faltando, a pressão que está diminuindo», respondeu o machinista.—«O Moura não está aqui; deve estar lá em cima» dissemos então.

Felizmente não houve accidente algum.

Logo depois ouvimos gritar no topo da escadinha que communicava com a praça das torres: «Uma bomba! Dê-me uma bomba! Uma bomba!» Pensavamos que uma bala inimiga havia penetrado no casco do navio abaixo da couraça e que este estava fazendo agua. Imaginem o nosso terror.

Afinal ficamos sabendo que era uma bomba de artilharia ou granada que se pedia para continuar a atirar sobre as fortalezas. Eu, que pensara na possibilidade de dar-se uma desgraça durante a passagem, havia tomado certas precauções para salvar-me a nado. Por isso colloquei-me ao pé da escadinha, por onde eu poderia facilmente ganhar o convoz.

Como medida de precaução geral, eu havia aconselhado aos marinheiros que conservassem a escadinha desimpedida, e acrescentei: «No caso em que tenhamos de subir todos é preciso que o façamos em ordem; senão formaremos um bolo dos diabos e ninguém poderá safar-se d'aqui, aonde morreremos todos»

Continuavam as alternativas de esperança e de susto quando vimos que o mastro grande já não reflectia a luz dos holophotes, e quasi immediatamente depois ouvimos estes gritos de alegria: *Viva o Aquidaban! Viva a Esquadra Libertadora!* E assim

por espaço de alguns minutos: gritos estes que foram repetidos phreneticamente pela gente da praça das torres.

Subimos todos e ainda podemos ver saltar os foguetes annunciando a nossa sahida sem avaria. O *Esperança* havia queimado uma tigellinha verde, signal do avaria leve.

Parámos em frente a Copacabana e por um escaler o *Esperança* ficamos sabendo que uma granada initoiga havia communicado o fogo a uma lata de ke-rozene (foi o clarão que via-se do convoz do *Aquidaban*) e uma outra fizera saltar a tampa de um cylindro da machina, o que produziu um escapamento de vapor que queimou um dos machinistas e diminuiu a marcha do navio.

O *Aquidaban* foi mais feliz. Das balas que o attingiram só uma penetrou na carvoeira de bombordo, mas não fez victimia alguma.

A resolução que o almirante Mello havia tomado de transpor a barreira formada pelas fortalezas da dictadura combatendo-as com tod's as armas do navio chefe e a do commandante do *Esperança* de passar quasi encostado aos muros da terrivel Santa Cruz foram duas inspirações felizes. Que Deos continue a proteger a Republica!

DR. ANFRISO FIALHO

Deputado federal pelo Estado do Piahy refugiado á bordo do *Aquidaban*.

6 de Dezembro de 1893.

A REVOLUÇÃO

De norte ao sul da Republica dos Estados Unidos do Brazil, se ouviu um grito semelhante ao ribombo do trovão, rolando nas alturas, em meio do furor de uma tempestade, como se fosse a voz de Deus, par-tindo lá das entranhas do céu.

Todos os elementos se agitaram em uma convulsão medonha.

O mar abraçado a sua irmã—a terra em-touo um cantigo tão sonoro, como o murmu-rio de suas ondas, sagrando aos heroes, que ao amplexo dos dous elementos traduziam a fraternidade dos brasileiros e a li-berdade da patria.

Revolução—foi o grito que tudo agitou na convulsão medonha em que o mar se abraçou a terra.

Morrer ou vencer a gratidão dos heroes aos dous elementos, que abraçados ensi-navam—a fraternidade e a liberdade.

Dous vultos de gigantes, em terra, se destacam do meio de uma phalange de heroes, tão fortes como o aço de suas lanças, tão velozes como o pampeiro, que sopra nas campinas do Rio Grande, desafiando a morte, no dorso de seus cavallos, como se fossem seres phantasticos aquecendo os cor-poros enregelados no calor das pelejas: Gu-mericando Saraiva e Salgado.

No mar; um marinheiro, de cor bron-zeada, de cabellos brancos que á semelhan-ça de fios de prata se destacam de outros pretos, acostumado a enfrentar as grandes procelas; no sorriso que lhe paira nos la-bios, annunciando o desprezo dos perigos; na placidez do semblante a calma nos mo-mentos afflictivos; no olhar penetrante e agudo, como a lamina de um punhal, o co-nhecimento pleno dos que o cercam; no coração o amor da patria; n'alma a grandeza dos soffrimentos alheios: Custodio José de Mello.

Essa trindade representa os vingadores de um povo humilhado, aviltado e oppri-mido pela mais cruel e hedionda tyrannia escrevendo com sacrificios a opopeia mais gloriosa da historia de nossa patria.

Salve Gumerindo Saraiva!

Salve Salgado!

Salve Custodio José de Mello!

Cercado de uma officialidade distincta, Custodio José de Mello, não trata de des-afrentar a sua classe, não; o seu fim, é mais glorioso, é mais patriótico; ligado a Gumerindo Saraiva e á Salgado, promove como estes, a paz de nossas familias, a tran-quillidade de nossos lares, as garantias do cidadão, a felicidade aos nossos filhos e a grandeza de nossa patria.

E qual será o brasileiro, que deixará de concorrer para o termo dessa obra de re-generação social, quando só o luto, o pran-

to, o soffrimento e a dor nos apertam nas malhas de uma rede de aço, tecida pelas bayonetas do tyranno que nos esmaga, suf-focando consciencias, comprando adhesões, corrompendo, ferindo e matando?

As armas brasileiras não são para um saiba ser-tão bom soldado, quanto deve ser bom ci-dadão.

Viva a Revolução!
Viva o Exército Libertador!
Viva a Esquadra Libertadora!
Viva a Liberdade!

CARLOS DE LACERDA

Commando em chefe da Guarda Nacional do Estado de Santa Catharina, Quartel General, Desterro, 6 de Dezembro de 1893.

ORDEM DO DIA N. 18

Para conhecimento das forças, sob meu commando faço publico que, por Decreto de hontem foi mobilisada a Guarda Nacional na comarca da Laguna e nomeado com- mandante superior da mesma comarca o cidadão Luiz Antonio Pinto de Magalhães.

—Germano Wenhausen, coronel comman-dante em chefe interino.—Urbano Villela Caldeira, major secretario interino.

FERROADAS

Tinha protestado deixar certos «amigos» meus, entregues a si mesmos, na tranquilli-dade mortuaria em que tem vivido de um certo tempo para cá, mas estou vendo que, máo grado meu, tenho de me haver novamente com elles, fazendo-os entrar n'uma sarilhada douda, mesmo porque não gosto de gente retrahida e chucra, que vive segregada de todos, a modo de suspeita.

Gosto de franquezas, de espiritos al-gres, sacudidos, cheios de verve, que fal-lam pelas esquinas, gesticulam, pilheriam, n'uma jovialidade presenteira e doce. Para mim não ha nada melhor do que gente as-sim, sobre a qual a policia não deve ter as vistas, pois fica sabendo o que é e o quanto vale, por onde passa o seu tempo, que não é em conspirações, nem mandando cartas duvidozas, denunciando a nossa po-sição e os elementos que contamos.

Os meus amigos lambisajá não são os mes-mos dos chorosos tempos do sr. Serra Mar-tins em que viviam de cabeça erguida, dei-tando-nos olhares de debique, enchendo as columnas de sua imprensa, verdadeiro cano de esgoto, do adjectivacões nauseab-unadas, que iam, sem o pensarem, cahir, sobre as suas focinheiras atrevidas, onde o sorriso motejador campeava desabrido e in-solente.

Hoje, vivem isolados, não praguejando pelas esquinas, mas dentro de sua casa, só apparecendo de vez em quando, dentes cerrados, olhares desconfiados, quasi sempre ao escurecer, justamente nas horas em que todos os gatos são pardos.

Quizera bem tiral-os desse mutismo, que me incommoda os nervos, trazel-os á praça publica, leval-os ás diversões e aos bailes, vel os com uma blusa da guarda nacional, todos chies e sacudidos, a moda de dandys, e por cima de tudo isso deitando um pu-nhado de flores sobre as sympathicas figu-ras dos nossos bravos generaes Salgado e Gomerindo, sobre a deste principalmente por quem outr'ora mostraram tantas sym-pathias nas columnas dos seus corsarios.

Mas os diabos dos homens fogem da luz do dia, não sabemos tambem porque mo-tivo...

O que é necessario é serem mais amaveis, mais cavalheiros mesmo, vindo comove-ram comnosco pelas portas do hotel Brazil, cooperarem de nossas rodas, pois es-tamos dispostos, esquecendo todo o seu negro passado, estender-lhes a mão franca o since: a de amigo generoso e magnanimo que tudo perdão.

Deixem-se destas asneiras, pois o sr. Lauro está hoje no caso da vaquinha Victo-ria...

Passiem do dia, pois o sol é creador vi-fificante, dá musculos ao corpo e colorido ao rosto; nada de retrahimentos, caras al-gres e deixem correr o marfim.

J. B. Mailat

ELEIÇÕES EM MINAS GERAES

—A alguns pontos deste Estado a noticia do adiamento das eleições federaes não chegou a tempo de se poderem evitar os trabalhos eleitoraes no dia 30 de outubro.

Assim é que houve eleição nos districtos de Uberabinha, Carmo do Fructal e Abbadia de Monte Alegre, sendo o resultado o seguinte:

Uberabinha—Senador, dr. Antonio Gonçalves Chaves, 42 votos; dr. Americo Lobo, 41 votos.

Deputados—Dr. Rodolpho Gustavo da Paixão, 42 votos; dr. Domingos Rocha, 42; commendador Carlos Chagas, 40; dr. Costa Machado, 40.

Carmo do Fructal—Senador, dr. Antonio Gonçalves Chaves, 462 votos; dr. Americo Lobo, 7 votos.

Deputados—Dr. Rodolpho Gustavo da Paixão, 460 votos; dr. Lamartine Ribeiro Guimarães, 460 votos; dr. Domingos Rocha 40 votos; dr. Costa Machado, 8 votos.

Abbadia de Monte Alegre—Senador, dr. Antonio Gonçalves Chaves, 140 votos.

Deputados—Dr. Rodolpho Paixão, 440 votos; dr. Lamartine Guimarães, 440 votos.

—No municipio de Pecanha o eleitorado concorreu igualmente e obtiveram para senador o dr. Americo Lobo, 585 votos, e para deputados: Simão da Cunha, 640 e Arthur Torres, 589.

POLICIA ESTADUAL

No dia 5 foram recolhidos a cadeia, por ordem do cidadão dr. chefe de policia, os seguintes individuos: Manoel de Moraes, Maria Eva, Ignez Maria Joanna e Florencia Genoveva de Jesus, todos por desordem.

EDITAES

Alfandega do Desterro

SUBSTITUIÇÃO DE NOTAS

De ordem do cidadão inspector interino, faço publico que S. Ex. o sr. Ministro da Fazenda do Governo Provisorio em ordem n. 4 de 24 do corrente, prorogou o prazo para a substituição, sem desconto, até 30 de Junho de 1894. e com o abatimento, d'ahi em diante, não só das notas de 500\$ da 5ª estampa, de 200\$ da 6ª, de 100\$000 da 5ª, de 50\$000 da 6ª e de 20\$000 da 7ª, como ainda de todas aquellas que forem carimbadas pelos ban- os emissores, as quaes perderão o valor no fim de Junho de 1894.

Secção de Contabilidade da Alfandega do Desterro, em 26 de Outubro de 1893.—O 4º escripturario, João da Natividade Coelho.

GUARDA NACIONAL

De ordem do general commandante em chefe da Guarda Nacional do Estado de Santa Catharina faço publico que ficam sem effeito os despachos concedendo isenção do serviço a aquellos que allegaram serem commerciantes, proprietarios de officinas e outros estabelecimentos commerciaes e de industria e não terem pessoas que os substituíssem, visto como está verificado que a lei não autorisa taes isempções, devendo portanto novamente apresentarem-se a seus commandantes.

Quartel-General 21 de Outubro de 1893.—Catto Vicente Coelho, tenente-coronel secretario.

Guarda Nacional

De ordem do commando em chefe faço publico para conhecimento dos interessados que a junta medica de inspecção só funcionará quando for annunciado.

Quartel General, 21 de Novembro de 1893.—Urbano Villela Caldeira, Major secretario Interino.

Junta Commercial

De ordem do cidadão presidente, faço publico, que foi installada e acha-se funcionando no predio a rua João Pinto n. 43, a Junta Commercial d'este Estado.

Desterro, 4º de Setembro de 1893.—O secretario, João da Silva Ramos.

DECLARAÇÕES

AVISO

Tendo de liquidar meu negocio, passo a meus devedores o favor de pagar-me seus debitos o mais breve possivel.

Desterro, 7 de Novembro de 1893.

João Manoel Gonçalves Junior.

Clinica medica—cirurgica e de partos
DR. ALFREDO FREITAS
Chamados e consultas a qualquer hora.

RUA TRAJANO—42

ADVOGADOS

FERNANDO CALDEIR

ARISTIDES MELLO

Praça 45 de Novembro u. 2
(SOBRADO)

DR. FRANCO LOBO
MEDICO E OPERADOR

Especialidade em molestias de senhora

Ex-interno da Faculdade e Hospital de Marinha.

Atende a chamados na pharmacia Elyseu e da Praça

Heinrich Kirchhoff

dá lições de inglez e allemão

Póde ser procurado no Parthenon Catharinense

CASAMENTO CIVIL

HRBEAS-CORPUS

ED. SALLES

encarrega-se do preparo de documentos para o casamento civil e requer ordens de *habeas-corpus* perante os juizes de direito—inclusivo o federal—e os tribunales superiores, acompanhando os recursos até o colendo Supremo Tribunal Federal.

Rua João Pinto, n. 19

AO COMMERCIO

O abaixo assignado declara ao commercio em geral que nesta data traspasou a sua mãe D. Felicidade Firmina da Costa de Trompowsky a sua casa de fazendas e armazinho sita nesta capital á rua do Commercio n. 26, livre e desembaraçada de quaesquer compromissos; ficando d'ora em diante á cargo da mesma sra. todo o activo e passivo da referida casa.

Desterro, 28 de Outubro de 1893.—Edmundo de Trompowsky.

Felicidade Firmina da Costa de Trompowsky declara ao commercio em geral que continua encarregado da gerencia e liquidação da sua loja de fazendas e armazinho, á rua do Commercio n. 26, seu genro o sr. Affonso Livramento.

Desterro, 28 de Outubro de 1893.—Felicidade Firmina da Costa de Trompowsky

Collegio Campestre

A abaixo assignada, directora e professora do collegio Campestre, participa aos pais de seus alumnos e alumnas que, do dia 3 de Novembro em diante, as aulas do seu collegio funcionarão no chalet á rua José Veiga, onde espera encontrar a mesma benevolencia e acceitação de que tem sido devedora. até hoje, no exercicio de sua profissão.

Desterro, 30 de Outubro de 1893.

HERMINIA FARIA DA VEIGA.

AO COMMERCIO

O abaixo assignado declara que vendeu a seu irmão Vasco Gama, as existencias do chalet do Jardim «Oliveira Bello», livre e desempeido de todo e qualquer compromisso.

Outrosim, pede aos seus devedores o obsequio de entenderem-se com o mesmo seu irmão, que está autorisado a cobrar quer amigavel quer judicialmente todas as suas contas.

Desterro, 10 de Outubro de 1893.

Nuno Gama.

Tendo comprado a meu irmão Nuno Gama, as existencias do chalet do jardim «Oliveira Bello» e ficando pelo mesmo encarregado de cobrar amigavel ou judicialmente todas as dividas da extincta firma, peço aos seus devedores o obsequio de virem salda-las no prazo de 30 dias a contar desta data.

Desterro, 10 de Outubro de 1893.

Vasco da Gama Lobo d'Eça.

O PROCURADOR

ARTHUR ERNESTO

participa a seus amigos que encarrega-se de causas civeis, orphanologicas e commerciaes, assim como de cobranças amigaveis nesta capital e fóra della.

Póde ser procurado na sua residencia á rua Marechal Gama d'Eça, n. 2.

Ao Commercio

O abaixo assignado faz publico, que por força do decreto n. 216 de 24 de Outubro de 1890, substituiu a sua firma commercial de Antonio J. Brinhosa & Cª, pela de Antonio Joaquim Brinhosa, para continuação dos seus negocios de comissões, consignação importação e exportação de conta propria.

Desterro, 1.º de Novembro de 1893.

ANTONIO JOAQUIM BRINHOSA

ANNUNCIOS

Maria Luiza Crespo Gama

Maria A. Crespo e seus filhos convidam a todos os seus parentes e pessoas de sua amizade para assistirem a missa que por alma de sua filha e irmã Maria Luiza Crespo Gama, mandão rezar quarta-feira 6 do corrente ás 8 horas da manhã na igreja de S. Francisco.

Antecipam seus agradecimentos a todo que, acompanharem a esse acto.

EXCELLENTE

Emprego de capital

Vendo-se a loja de Armazinho e Fazendas á rua do Commercio n. 26, com grande abatimento sobre o custo primitivo de todos os artigos, por não querer sua proprietaria continuar com o negocio Quem a pretender queira entender-se sem demora, por escripto ou verbalmente, com o abaixo assignado.

Affonso Livramento.

CIMENTO ROMANO

Barricas 180 kilos . . . 10\$000

Meias barricas 90 kil os. 5\$500

Villela Filho & Cª

ATTENÇÃO!

BOM EMPREGO DE CAPITAL

Por causa de mudança para o fim d'este anno acha-se a venda o estabelecimento d'abaixo assignado, sito no Tubarão n'este Estado, constando de: uma casa de moradia, rancho para trabalhadores, caza de madeiras, uma machina á vapor da força de 30 a 35 cavallos, uma cerva vertical, uma dita horizontal outra circular com correias transmissões e todos os pertences, bombas a vapor etc., tudo em bom estado e o preço modico.

Os pretendentes para todos os objectos mencionados ou parte d'elles, queirão dirigir-se a Rudolph Krause no Tubarão.

Bernardino Varella pede ás pessoas a quem tem emprestado, ha largo tempo, livros, folhetos, jornaes illustrados, gravuras etc. etc., queiram brevemente devolver-lhos; e ás que são-lhe devedoras de pequenas quantias, pela agencia em que se ha occupado, hajam tambem de satisfazer-o.

SAVAS N. SAVAS

Tem em deposito grande quantidade de Farinha de trigo, Carne secca, Batatas, Milho e Alfafa.

Estes generos acabam de chegar pelo vapor *Malvina* e são vendidos por preços razoaveis.

16 Rua do Commercio 16

PRELO

Vende-se um em bom estado, proprio para impressão de periodico, por preço baratissimo. Para informações nesta typographia.

N'esta typographia informa-se quem tem á venda uma bussola, com os competentes pés, em perfeito estado, para trabalhar de engenharia, bem como um par de correntes, para medições, igualmente bem conservada.